Por Mineirinho

FUI CASADO COM UMA DESEQUILIBRADA

Texto não ficcional que relata eventos da minha vida de casado com uma pessoa que tem transtorno psicológico, adotando precauções, como alterar nome, local e outros detalhes, para garantir que nenhum dos participantes dessa história seja exposto.

Juiz de Fora – (MG). 2025.

A MINHA EXPERIÊNCIA DE CASADO COM UMA PESSOA COM TRANSTORNO PSICOLÓGICO

Como a conheci

Conheci a Luciana em 2007, no local de trabalho, precisamente em uma escolar estadual, de Juiz de Fora – (MG), onde éramos professores de ciência no turno matutino. Por causa dessa afinidade, sempre trocávamos ideias, pois era minha primeira vez lecionando, enquanto ela tinha mais experiência em sala de aula. No final do expediente, como eu estava de carro, sempre lhe oferecia carona até o ponto de ônibus mais próximo, porque as ruas ao redor da escola eram inacessíveis para ônibus. Após algum tempo, combinamos um local para pegá-la e irmos para o trabalho juntos, já que era bastante arriscado, por conta de a escola estar localizada na periferia. O que me chamou a atenção foi o trabalho evangelístico que ela realizava junto a comunidade escolar, e por essa característica de ser uma mulher cristã, passei a afeiçoar-me mais, pois, para mim, é uma virtude muito bem vista em uma mulher. Depois de alguns meses, ela me convidou para participar de uma igreja evangélica e, com o passar

do tempo, iniciamos um relacionamento.

Quando comecei a namorá-la

No início do nosso relacionamento, ela falava do desejo de ir morar com a avó em Vitória – (ES), mas a convenci a ficar e concluir o curso universitário que estava fazendo. No entanto, parecia que nada na vida da Luciana ia bem, tanto no aspecto financeiro quanto no psicológico. Aliás, este último estava deixando-a derrotada; inclusive, associei esse problema à desordem da casa onde morava, que tinha vários livros e pilhas de roupas amontoadas por todos os cômodos. O chão parecia que nunca tinha sido varrido e a pia estava cheia de louças sujas. Então, enojado com tudo aquilo, fiz o favor de arrumar tudo, mas, após alguns dias, já estava bagunçada novamente.

Quanto ao imóvel, era uma casa desmembrada em dois, sendo uma delas alugada para uma família formada por um casal e seus dois filhos. Porém, a Luciana não fez contrato e acabou enfrentando situações desagradáveis com esses inquilinos, pois, além de não pagarem o aluguel em dia e o consumo de energia e água, ela também passou a sentir-se ameaçada, uma vez que percebeu que, às vezes, quando adormecia fazendo suas tarefas

da escola ou da universidade com as portas abertas, os filhos desse casal entravam e remexiam em suas coisas. Após eu descobrir todos os males que causavam, passei a encorajá-la a colocá-los sobre aviso para desocuparem a casa. Agindo assim, os inquilinos relutaram em sair, então foi necessário tomar uma iniciativa mais firme. Ela contatou o irmão, que é advogado, e pressionou-os até que saíssem. Porém, em uma determinada noite, receando uma vingança dos antigos inquilinos, eu dormi na casa da Luciana, e na calada da noite, eles (*os quais suspeitamos serem aqueles que chamávamos como "Freddy Krueger e Chucky", ou seja, os filhos do casal*), foram até lá, cortaram a energia e danificaram o hidrômetro, causando um vazamento de água. Nós acordamos e ao sairmos da residência nos deparamos com a situação, então tomei a iniciativa de interromper o vazamento, colocando um pedaço de madeira no cano e imediatamente chamamos a concessionária de energia para reconectar os fios. No dia seguinte, foi realizado um boletim de ocorrência, e descobrimos que os indivíduos eram reincidentes, ou seja, havia outras denúncias contra eles por agirem da mesma forma em outro imóvel que havia alugado. Inesperadamente, alguns meses depois, o casal, sem fundamento algum, entrou com um processo no Ministério Público contra a Luciana, por terem sido

despejados da casa, e no dia da audiência, eles, com apenas argumentos vazios, perderam vergonhosamente a causa.

Quando ainda estávamos namorando, ajudei-a a ter controle financeiro pessoal, pois ela tinha dificuldade em pagar as parcelas da casa que estava financiada pelo Banco do Brasil, e ela também atrasava as faturas de energia e água. Sendo assim, para ajudá-la, dispus -me a pagar algumas faturas de energia e água vencidas. Até que, decidida a deixar de pagar o imóvel financiado, temendo perdê-lo por falta de pagamento, colocou-o à venda e, em seguida, fomos à procura de um imóvel quitado. Partindo dessa premissa, em poucos meses, após consolidar a venda da casa, ela comprou outra quitada, e ainda sobrou algum dinheiro. Diante de tudo isso, como tudo estava ocorrendo bem, planejamos nos casar em um futuro próximo.

Casamos

O CASAMENTO É UM DESAFIO. ÀS VEZES, TEM QUE SACRIFICAR SEUS PRÓPRIOS DESEJOS E NECESSIDADES, PARA AGRADAR SEU CONJUGE.

No que diz respeito a nós, éramos um casal evangélico que vivia junto e, em certo momento, optou por formalizar a união de acordo com princípios bíblicos. O

nosso casamento ocorreu no ano de 2009, em uma cerimônia coletiva, ou seja, junto a outros casais, oficializado pelo Cartório Civil.

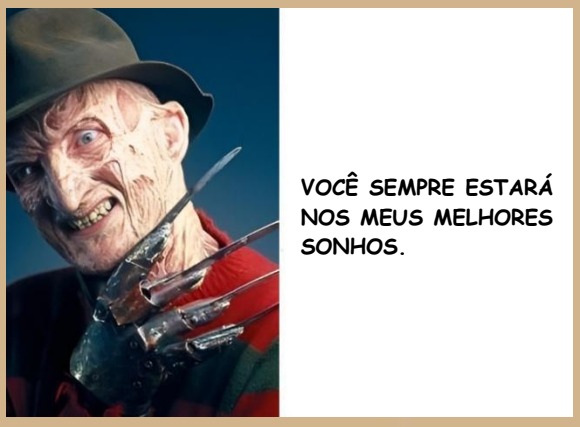
Em relação à minha experiência como casado, resumo que, antes de formalizarmos a nossa união, eu nutria expectativas cheias de sonhos; contudo, após a oficialização, a vivência que tive mostrou que "não realizei os meus sonhos, mas os dela".

No entanto, admito que o que ocorreu foi que agi impulsivamente e me casei pelos motivos errados. Neste caso, o ato de casar por amor passou a ser uma escolha errada quando pensei que conhecia a mulher com quem iria me unir; deveria ter sido mais prudente, pois desconhecia os sérios problemas psicológicos que ela escondia. Apesar de nosso casamento não tenha dado certo pelos motivos mencionados, sinto-me feliz que dessa relação nasceu minha filha, a quem amo muito.

A seguir, será demonstrado que a construção do nosso relacionamento conjugal incluía o estabelecimento de objetivos comuns, além da confiança e do respeito. No entanto, a insegurança no casamento surgiu a partir da vida cotidiana, especialmente nos momentos de dificuldade em gerir os problemas, que resultavam em discussões; às vezes, havia um breve afastamento, mas voltávamos a conversar. A propósito, o

disparador desse estresse no nosso relacionamento eram as sucessivas manifestações dos sintomas dos transtornos psicológicos dela.

Casal que sonha junto realiza junto



Como foi mencionado anteriormente, com a venda da casa sobrou algum dinheiro. Então, a Luciana decidiu financiar um veículo zero quilômetro. Ajudei a pagar por dois anos as parcelas do financiamento, do licenciamento, do IPVA e do seguro contra roubo e acidentes; porém, ficando desprovido financeiramente, não consegui mais ajudar.

Quanto à universidade, embora não se sentisse bem, esforçava-se para ir. Entretanto, a sensação de cansaço, decorrente das responsabilidades, rotinas e tarefas do trabalho, causou uma redução em sua eficiência mental, levando-a a deixar de frequentar regularmente a universidade, resultando na decisão de trancar matérias para não reprovar. Embora de ter agido corretamente, ainda assim, caso quisesse manter o emprego

(que *apesar de ainda estar estudando Licenciatura em Ciência Naturais na universidade, teve a sorte de encontrar um trabalho como professora*) seria necessário voltar a fazê-las para se formar. Imagine, a Luciana tinha que cursar muitas e muitas matérias. Por isso, mesmo quando namorávamos e até mesmo depois de casados, fui ao seu auxílio para amenizar os fardos que geravam essa sensação de esgotamento, que a impossibilitava de ir à universidade. Por exemplo, as tarefas da escola privada e da pública consumiam muito tempo da Luciana e, por essa razão, passei a fazer provas, o diário escolar e também a corrigir pilhas de cadernos de exercícios e provas; às vezes, apenas ajudava, e passávamos a madrugada fazendo isso. Com isso a Luciana passou a ter bom ânimo para ir à universidade e tempo para estudar em casa, sem a preocupação de que seus afazeres do trabalho ficassem atrasados. Ao descobrir a gravidez e começar a observar o crescimento da barriga e a sentir, no decorrer do quarto mês de gestação, dores no corpo e incômodos, foi necessário que eu a acompanhasse à universidade. Nosso filho nasceu em 2010 e aguardamos o término do período de resguardo pós-parto para que ela voltasse às aulas, pois faltavam poucas matérias para concluir a universidade. Ao retornar aos estudos,

enquanto a Luciana assistia às aulas, eu ficava andando pelos corredores da universidade com o carrinho de bebê e, no intervalo das aulas ia amamentá-lo (*e nos dias de prova, ela utilizava esse motivo para deixar a sala de aula e buscar informações nos livros sobre os assuntos que tinha esquecido*). Alguns professores, sensibilizados com isso, ao verem que ela levava um bebê para a universidade, ajudaram a Luciana a ter um bom rendimento acadêmico, para melhorar suas notas e se formar.

Assim, concluiu sua graduação em Licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade Federal de Juiz de Fora - (UFJF). No entanto, apesar de ser um curso de 4 anos de duração, foi dificultosamente finalizado em 5 anos, de 2005 a 2010, realizando a colação de grau em 2011. A partir desse momento, começou a focar em realizar uma especialização e um curso preparatório para concursos. Para isso, era necessário que ela se organizasse financeiramente e estruturasse os custos para gerenciar bem o dinheiro. Embora tivesse consciência disso, a Luciana, agindo por impulso devido ao transtorno psicológico que sofria, não permanecia por muito tempo trabalhando em uma escola privada, uma vez que pedia demissão devido

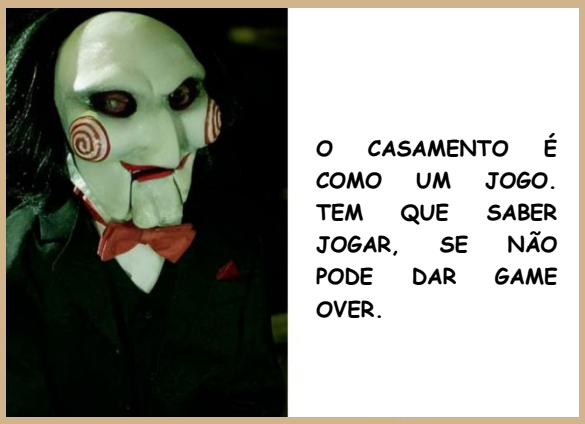
a desentendimentos ou por acreditar que estava sendo perseguida pelos colegas de trabalho. Na escola pública, tinha apenas uma carga horária de 20 horas na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais – (SEE - MG). No entanto, ao surgir a oportunidade de participar de outro processo seletivo na SEE, conseguiu mais 20 horas. Contudo, ocorreu outro contratempo: meu contrato como professor na SEE foi encerrado, e só voltei a trabalhar em 2012 no comércio varejista. Além disso, não contávamos com o diagnóstico da nossa filha com a "Síndrome do X Frágil"; assim, a partir de 2012, foi fundamental pagar um tratamento especializado para ela. Então, somente a partir de 2014, a Luciana começou a fazer numa universidade privada, o curso de pós-graduação em "Tradução, Interpretação de Libras". Mas, com pesar, sofremos perdas financeiras devido ao meu desemprego em fevereiro de 2016.

Ainda em 2016, ao se aproximar da conclusão do curso de pós-graduação, foi necessário que a Luciana elaborasse um artigo científico, ou seja, o "Trabalho de Conclusão de Curso - TCC". No entanto, devido a transtornos psicológicos, levou tempo para fazê-lo. Apenas havia elaborado um esboço sobre a temática "O lúdico como metodologia de ensino em libras na disciplina de

ciências" e nada mais. O prazo de entrega estava se aproximando do fim e, estando eu em casa e vendo-a confusa ao elaborar o artigo, fui verificar se as ideias do texto sustentavam o tema. Observei que precisava ser mais claro e objetivo e que estava fora das normas exigidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Em função disso, após relatar os erros encontrados, a Luciana passou a insistir para que eu a ajudasse. Naquele momento, eu estava muito aborrecido com ela, devido ao seu distúrbio mental que, sem motivos aparentes, me agredia por meio de palavras ou fisicamente, quase todas as semanas. No entanto, acabei cedendo, fiz as correções necessárias e finalizei o TCC. Se não tivesse ajudado, será que diminuiria as chances da Luciana conseguir uma vaga, mesmo passando no concurso da Secretaria de Educação do Estado? Então, agi certo ou errado ao ajudá-la? Sabe-se que hoje é imprescindível que os candidatos a concursos públicos na área da educação tenham, no mínimo, uma especialização. Assim, a Luciana decidiu estudar para o concurso da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais – (SEE - MG) em um curso preparatório. Mais uma vez, apoiei-a, conforme sua argumentação de que era para proporcionar estabilidade financeira para a nós. Novamente, ajudei-a a aliviar os possíveis

transtornos que poderiam atrapalhar seus estudos. Fato é que Luciana se inscreveu para o concurso de 2017 e foi aprovada.

O relacionamento conjugal se tornou maçante e apático



Durante o tempo em que nossa filha era um bebê, era eu quem acordava na madrugada para levá-la a se amamentar no peito da mãe ou para preparar o leite, e depois o segurava em meus braços esperando que arrotasse, enquanto a Luciana dormia profundamente. Toda vez que nossa filha tinha crises de cólica, a Luciana ficava tensa, então fui eu quem aliviou sua cólica com exercícios usando as perninhas para ajudar a dissipar os gases ou o colocava sobre meu peito e massageava o ventre e as costas. E quando ela adoecia, era eu quem mais faltava ao trabalho para levá-la ao médico, fazia uma tabela para o controle do horário dos remédios e ainda passava o dia, a noite e a madrugada acordado para cuidá-la, enquanto a Luciana saía do quarto para dormir em outro lugar. Era inacreditável, pois, na maioria das vezes, quando minha filha

estava sob os cuidados da mãe, se acidentava e era levado com urgência ao hospital, como no dia em que caiu da cama e machucou a cabeça ou quando cortou a testa ao esbarrar em um móvel, necessitando até de pontos. Deste modo, sabendo que a mãe era incapaz de cuidar dele, ia trabalhar apreensivo. Cheguei a associar seus acidentes a "Síndrome do X Frágil".

Em certo mês do ano de 2013, teve início a campanha de vacinação direcionada às crianças. Sabendo disso, eu levei nossa filha no sábado. Naquele dia, ao retornar para casa, Luciana estava na sala com raiva e disse que eu mudei após o nascimento da nossa filha, devido à dedicação e à atenção que ela recebia, que (*tomada por ciúmes*) eram também sentimentos que a Luciana queria ter de mim. Mas a explicação é simples, pois quase sempre, quando a Luciana chegava do trabalho, não demonstrava afeto pela filha, e essa ausência de sentimento me fez ser mais atencioso com ela. A propósito, em algumas ocasiões, era necessário lembrá-la para dar atenção à filha.

Sempre procurávamos entrar em concordância nas obrigações relacionadas a nossa filha, como revezar para levá-la aos atendimentos com a fonoaudióloga e a neuropsicopedagoga, ou buscá-lo na creche. Quando nossa filha ficava em tempo integral na creche, por exemplo, combinamos que, ora um, ora outro o

pegaria após o trabalho. Porém, quando era a vez da Luciana, ela o buscava com atraso ou esquecia, repetindo isso várias vezes. Na última vez em que ela esqueceu, a proprietária da creche não aceitou mais que a deixássemos lá.

Portanto, o que ocorreu naquele dia foi que eu, ao voltar do trabalho para casa, esperei por elas; embora a chegada delas estivesse demorando, permaneci tranquilo, mesmo já passando das 19 horas, pois acreditava que estavam juntos. Contudo, a Luciana chegou em casa e não havia ido buscá-la na creche. Logo fomos à creche, mas ao chegarmos, ela estava fechada, e isso me deixou bastante ansioso. Aconteceu que, com o auxílio dos moradores da rua, descobrimos que a dona vivia na rua posterior à creche. Ao chegarmos a casa, ela se explicou, afirmando que a razão pela qual não aguardaram na creche era que o horário de trabalho dos colaboradores já havia terminado, e ela temia pela segurança das duas, pois ficaram sozinhas.

Depois desse episódio, perguntei a ela a razão pela qual demorou a vir para casa, fazendo-a esquecer de pegar nossa filha, e ela me respondeu que estava na casa do pai dela. Ela poderia estar mentindo, mas, naquele momento, dei a ela o benefício da dúvida e aceitei o que disse.

A nossa relação como casal baseava-se, em grande parte, na

confiança; por isso, eu a deixava usar meu cartão de crédito para fins pessoais. Inicialmente, ela pagava as faturas em dia, mas, com o tempo, passou a pagar apenas o mínimo até que deixou de pagar (*e ela também não se interessou em negociar*) a dívida. Devido aos juros, minha dívida com o cartão de crédito, em 2015, ultrapassou 10 mil reais, impossibilitando-me de pagá-la. Além disso, meu nome foi incluído nos cadastros de proteção ao crédito, como SPC e Serasa, impedindo-me de ter cartão de crédito, crediário em lojas, etc., durante anos.

Nem sempre nossas vidas tinham conflitos; tivemos nossos momentos de lazer, mas essas atividades eram condizentes com a nossa religião. Assim, frequentávamos lugares como o cinema, o shopping, a pizzaria, a lanchonete e até viajamos para Salvador-(BA). No entanto, a frequência das saídas diminuiu após o nascimento da nossa filha, ainda mais depois que ela foi diagnosticada com a "Síndrome do X Frágil", o que gerou a recomendação de participar de atividades recreativas ao ar livre, como banhos de piscina, visitas ao Jardim Botânico da UFJF e ao Parque Natural Municipal da Lajinha.

Quanto ao lazer, havia muitas reclamações dela por ter se tornado refém ou limitada à filha. Realmente, era difícil sair e fazer um programa a dois, pois ela era uma criança muito

dependente de nós, além da dificuldade de encontrar alguém que pudesse ficar com ela. Se bem me lembro, da última vez que fomos ao cinema, deixamos nossa filha na casa da minha irmã; isso aconteceu em dezembro de 2016, e o filme em cartaz era "Rogue One – Uma História de Star Wars". Mas, nesse dia, aconteceu o impensável: depois de eu ter ficado em uma fila quilométrica para comprar os ingressos, a Luciana decidiu ir embora. De forma repentina, seu comportamento mudou; ela não era mais a mesma. Talvez isso tenha ocorrido por conta da aglomeração de pessoas na entrada do cinema, ou pela demora no atendimento para comprar os ingressos, ou ainda por alguma presença indesejada naquele local, ou porque eu estava conversando com um casal enquanto ela apenas observava de longe. No entanto, essa não foi a primeira vez que saímos juntos e que, inesperadamente, houve uma mudança no humor e no comportamento dela. Contudo, mesmo sem entender os motivos pelos quais a Luciana ficou naquele estado, eu resolvi assistir ao filme sozinho.

Como qualquer outra família, tínhamos problemas financeiros. Mesmo com os dois trabalhando, sempre faltava comprar ou pagar alguma coisa, e isso motivava conversas sobre dinheiro. Entretanto, ninguém falava ou perguntava sobre quanto

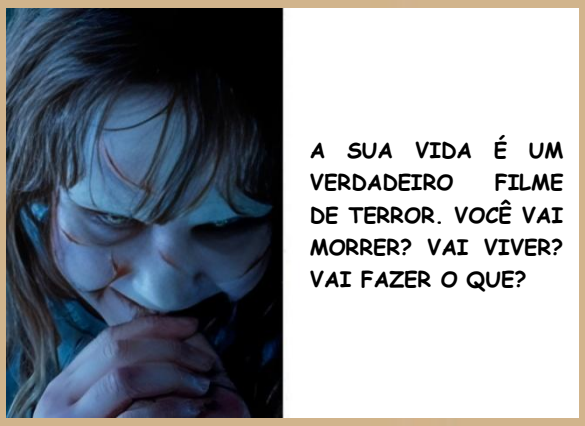
um ou o outro ganhava. Todavia, eu sabia quem ganhava mais e, fundamentado nisso, indagava o porquê de não conseguir pagar isso ou aquilo. Em sua defesa, argumentava que o "dinheiro que tinha não era suficiente". Ficava surpreso com as respostas que ela dava, mas eu não podia questioná-la (*uma vez que sua mentalidade era, "meu dinheiro é meu, o seu é nosso"*), pois ficava aborrecida; assim, o que acontecia com o salário que recebia como professora, com uma jornada de 40 horas, que não era suficiente para cumprir as responsabilidades que tínhamos combinado? Por conseguinte, eu dava minha opinião, mas isso levava a discussões, pois ela se recusava a aceitar cortar gastos, como os relacionados a nossa filha, como a troca de escola por uma mais acessível e a redução das sessões com a neuropsicopedagoga e a fonoaudióloga, de quatro para duas por mês; além de cortar outras despesas que poderiam impactar o orçamento no final do mês. Por fim, em certo mês, por não cumprir suas obrigações, tivemos o fornecimento de luz e água cortados, e, enquanto isso, a escola da nossa filha negativou seu nome por falta de pagamento das mensalidades. Após algum tempo, ela sequer conseguia abastecer o carro para ir trabalhar, mas, para não deixar de ir, passou a fazer empréstimos com minha irmã (*que até hoje deve dinheiro a ela*). Enquanto isso,

ganhando muito menos do que a Luciana, eu conseguia cumprir minhas obrigações: com as compras do supermercado e da farmácia (*medicamentos e fraldas, inclusive este último, ela usou até os 5 anos*); com os pagamentos: da babá, da internet e do combustível (*para levá-la às terapias*). Para evitar pegar dinheiro emprestado, principalmente dela, sempre busquei sacrificar as coisas que desejava ter para economizar dinheiro para o que era realmente essencial. Era assombroso; parecia que o salário dela evaporava rapidamente antes do fim do mês.

Há aqueles que podem até duvidar; mas rotineiramente, ora uma, ora outra atividade doméstica e as compras no supermercado eram realizadas por mim; isso após voltar do trabalho. Portanto, eu realizava tarefas, como preparar refeições, para que, no dia seguinte, ela vindo do trabalho e nossa filha da escola, tivessem o que comer; limpava a casa e; também lavava as roupas minhas e da nossa filha, e em certas ocasiões, chegava a lavar as roupas da Luciana porque não aguentava ver a pilha de roupas sujas que ela deixava no cesto, que só se lembrava de lavar quando não tinha nada para vestir e, por conta disso, acabava usando as minhas roupas. No entanto, nos fins de semana, quando a Luciana assumia essas responsabilidades, por vezes, reclamava e dizia para eu não a pressionar. Os motivos que

a deixavam com raiva surgiam da repulsa por fazer serviços domésticos, assim como ela não gostava que dessem opiniões sobre o que deveria ser feito.

O casamento se tornou insuportável devido às frequentes manifestações de transtornos psicológicos



A vida de Luciana era marcada pelo isolamento social devido à sua desconfiança extrema em relação aos outros. Portanto, sem amigos, eu era o único a ouvir os problemas dela, e até chegava a afirmar que nunca a escutava; caso contrário, como poderia estar escrevendo sobre as causas que resultaram no fim do nosso casamento.

No começo, quando a conheci e começamos a namorar e a viver juntos, ela não mostrava sinais de problemas psicológicos, mas aparentava estar estressada em razão da fadiga do trabalho e dos estudos. No entanto, após o casamento, ela mudou: parecia ter duas faces.

Dessa forma, durante 6 anos de casados, contando a partir

de 2010, a Luciana passou a manifestar alguns sintomas de um distúrbio psicológico, os quais, por sua vez, causavam alterações em seu comportamento, evidenciando traços de **bipolaridade** (*variações de humor*), **hiperatividade** (*a necessidade de estar sempre em movimento*), **fala incessante** (*na maioria das vezes, dizia suspeitar que estava sendo perseguida, que era observada ou que falavam dela e sabiam de tudo o que se passava em sua vida*), **apatia** (*ausência de carinho por mim e por nossa filha*), **delírios** (*sentia uma incessante impressão de estar sendo observada*), **depressão** (*tristeza, evitava interação social, falava menos e possuía pensamentos suicidas*, **ansiedade** (*falta de ar,sensação de sufocamento, tontura, palpitações cardíacas*), **distúrbio explosivo** (*impulsos agressivos e ataques de fúria, também é conhecido como a Síndrome do Hulk*). Além disso, ela era hipocondríaca; se alguém apresentasse uma doença séria, ela criava uma preocupação excessiva e contínua com a chance de também estar com essa doença, mesmo sem evidências médicas.

Considerando o que foi exposto, declaro que nosso casamento se tornou violento, tanto em termos físicos quanto emocionais. Tínhamos uma vida repleta de conflitos; havia momentos em que eu não desejava voltar para casa depois do trabalho. Em algumas ocasiões, ao sair do trabalho, eu visitava

meu pai ou minha irmã para tentar esquecer os problemas, e mesmo com toda a tensão que enfrentava, eu sofria em silêncio e nunca falava sobre eles. Logo em seguida, retornava para casa para lidar com a situação que me aguardava lá, pois temia mais conflitos caso eu demorasse. Nesse contexto, as atitudes dela em relação a mim revelavam características de alguém com transtorno narcisista perverso.

Em meio às situações de conflito que vivíamos, em um determinado dia, resolveu comentar sobre as possíveis razões que a levavam a agir assim, mencionando primeiramente que a gravidez e seu nascimento não foram desejados pelo pai, que a entregou ainda criança à sua irmã, que a levou para Vitória – (ES); mas meses depois, quando a tia voltou para Juiz de Fora – (MG), ela passou a morar novamente com os pais. Entretanto, era uma casa cheia de conflitos, as discussões dos pais eram frequentes, a ponto de se separarem por causa da traição no casamento. Enquanto isso, a mãe optou por não ficar com ela, passando a responsabilidade para o pai, que posteriormente a entregou para sua irmã. Por esse razão, a Luciana, sentindo-se rejeitada pela mãe, tentou suicidar-se ao ingerir diversos medicamentos, o que resultou em uma intoxicação. Desde então, a ideia de suicídio nunca deixou sua mente, e ela tentou outras vezes, como na

ocasião em que cruzou as duas pistas de uma avenida em um momento de grande movimento. Para tornar sua história mais impactante, ela me revelou que sofreu algum tipo de importunação sexual na infância e; mais tarde, na adolescência, enfrentou assédio por parte do tio, mas, quando comunicou à tia, esta não deu crédito e a chamou de "puta", sugerindo que ela que estava se oferecendo ao tio. Ela também mencionou que, ao conhecer um jovem e iniciar um namoro, a tia a incentivou a se casar, mas isso tinha o objetivo de se livrar dela, motivada pelo ciúme do esposo. Dessa forma, casou-se e dessa relação nasceu uma criança. Durante essa fase de casamento, começaram a surgir problemas na relação, pois ela se sentia ameaçada pelo vício dele em álcool e, além do mais, ele a traia com alguém do trabalho. Essas circunstâncias resultaram na separação. Depois disso, com suas emoções abaladas, ela deixou a filha aos cuidados dos ex-sogros, que, apesar de não terem uma boa relação com a Luciana, assumiram a responsabilidade de pais e a criaram e educaram. E, nesse dia, após escutar tudo isso, disse a ela a seguinte frase: "Onde fui amarrar meu burrinho".

Entretanto, sem conhecer a ordem cronológica dos acontecimentos que ela relatou, esses fatos podem ser reais ou apenas mais um sinal de sua enfermidade mental, onde a pessoa

se sente mais confortável e realizada com a mentira.

Embora houvesse indícios de que tinha algum problema, ela resistia a ir ao médico, já que não enxergava como uma enfermidade. Portanto, negligenciar o tratamento acarretou sérias consequências prejudiciais para a minha vida. Como acontecia quando frequentávamos à Igreja Evangélica, os ciúmes exacerbados da Luciana provocava delírios de que eu a estava enganando, baseando-se em pequenas coisas, como um gesto, um olhar ou um cumprimento de alguma mulher. Por efeito disso, ficava indiferente comigo e, enquanto dirigia o carro ou chegava em casa, recorria à violência física ou psicológica para conseguir uma confissão de uma traição que só existia em sua cabeça.

Tornando-se mais sério, assim que a Luciana notou o meu medo de vê-la aborrecida e percebeu que poderia usar isso para que eu aceitasse que a passividade seria a melhor maneira de evitar conflitos; dessa maneira, controlando, minhas ações, comportamentos e decisões, sem que eu pudesse questioná-la. Um exemplo disso é que, na época em que trabalhávamos na mesma escola, por causa de ciúmes, ao invés de ficar na sala dos professores durante o intervalo, ela me obrigava a ir ao refeitório ou à biblioteca, para me distanciar das professoras. Além disso, queria que eu não oferecesse carona para ninguém

sem seu consentimento, estivesse ela presente ou não no carro (*mas como poderia recusar a um colega de trabalho que está caminhando sozinho em um bairro consideravelmente perigoso? No entanto, aconteceu de não oferecer a carona. E quando eu dava carona, eu pedia aos colegas para não comentarem nada*). Igualmente, usava o mesmo artifício para controlar as minhas visitas à residência de familiares, talvez fantasiasse que encontraria alguma mulher lá ou iria planejar algo contra ela ou falaria mal dela, por isso, não poderia me atrasar a voltar para casa; ademais, impediu-me de participar de algumas comemorações que ocorreram na casa da minha irmã (*pois na visão dela, por eu ser evangélico, não deveria estar em ambientes com bebidas alcoólicas ou músicas que não são cristãs*). Ao passo que, nos três primeiros anos de vida da minha filha, eu a levava escondida à casa de familiares, porque a Luciana não permitia por conta deles não serem cristãos evangélicos. Do mesmo modo, quando decidi fazer um Curso Técnico em Informática, precisava retornar para casa rapidamente; se demorasse, ela ligava e, quando não atendia, esperava no portão, cheia de raiva.

Para mais, a nossa convivência em casa se tornou complicada, comecei a ser desrespeitado como homem e marido. Falar com ela era como andar em um campo minado. Em certa

ocasião, ao tentar apenas dar uma opinião para ensinar a filha pré-adolescente (*do casamento anterior, que viveu por um tempo com a gente*) a fazer algum serviço doméstico para ajudá-la em casa, sofri agressões físicas, como socos e empurrões (*inclusive estava com minha filha ainda bebê nos braços*). Lamentavelmente, essa circunstância me levou a ficar apático em relação à garota.

Ainda por cima, quase todos os dias, durante horas após retornar do trabalho, a Luciana demonstrava uma agitação descontrolada, falava alto e, em alguns momentos, chegava a gritar sobre as perseguições que acreditava sofrer dos integrantes da igreja que frequentávamos (*líderes de células, pastores e apóstolos*) e também dos professores da escola onde lecionava. Além disso, expressava a sua raiva e indignação em relação à mãe (*devido às feridas causadas pelo "abandono" materno que a deixaram com traumas desde a infância*), os irmãos do segundo casamento do pai (*que, os amava mais do que a ela*). Com o tempo, tornou-se uma pessoa ríspida, tratando com hostilidade meus familiares, como no dia em que destratou minha irmã, resultando em uma discussão intensa. Desde então, minha irmã deixou de frequentar nossa casa, pois foi tomada por sentimentos de mágoa e decepção, já que toda vez que Luciana necessitava de algo ou de um favor ou de dinheiro emprestado,

ela sempre a ajudava.

De vez em quando, eu não suportando mais as suas loucuras, a confrontava e pedia que parasse de falar ou gritar; em algumas ocasiões, ela ficava fora de si e me agredia fisicamente com socos ou lançava objetos e até me intimidava com uma faca; nesse momento, eu suplicava: "Por favor, não faça isso". Ainda por cima, dizia que iria à delegacia registrar uma queixa contra mim por violência psicológica, quando na verdade era eu quem realmente sofria uma forma de intimidação e violência dela.

Em alguns momentos, durante as perturbações mentais a Luciana apresentava sinais da ansiedade que a fazia sentir falta de ar, palpitações e aceleração do coração, e, em algumas ocasiões, eu a levava ao pronto-socorro. Além disso, ela chegou a desmaiar ou ficar sem consciência no trabalho, recebendo auxílio dos professores e em casa, eu a levava até a cama ou ao sofá.

Com certeza, uma pessoa com instabilidade emocional deveria ser proibida de dirigir veículos para evitar situações desastrosas. Entretanto, Luciana, com sua autoconfiança excessiva, enquanto dirigia seu carro, acabou se envolvida em diversos acidentes de trânsito, como em 2015, quando enfrentava situações que levaram ao seu esgotamento emocional e decidiu

sair de casa, acabando se envolvendo em uma batida com outros veículos (*embora não sendo a responsável, deveria ter permanecido em casa*). Felizmente, o dono do veículo que ela colidiu assumiu seus próprios danos, enquanto o culpado pela colisão no dela deixou-a com danos parciais, e logo se evadiu do local do ocorrido, resultando em eu ter que arcar com parte dos reparos, que custou *R$ 500,00 reais*, pois a Luciana estava com dinheiro insuficiente para pagar o serviço do funileiro (*e para mais, ela sequer cogitou em devolver o dinheiro*).

Visando o meu bem-estar emocional, esforçava-me para evitar brigas. Como foi difícil nossa convivência, uma vez que, na maior parte do dia, ela incitava os conflitos. Posso mencionar como exemplo a residência em que vivíamos, que, apesar de eu ter ajudado na reforma, demonstrava claramente que a casa era dela. Por essa razão, em certo mês do ano de 2016, fez-me vender os "Materiais de Construção" que eu havia comprado para fazer a cobertura da garagem. Até para nossa filha, negou um quarto que estava vago porque o usava para guardar suas quinquilharias. Após algum tempo, passou a expulsar-me de casa, dizendo que deveríamos dar um tempo.

Ainda neste ano, ocasionalmente, ela me pedia para formatar e reinstalar o sistema operacional do computador ou

restaurar o celular às configurações de fábrica, pois tinha uma sensação permanente de estar sendo vigiada por esses dispositivos eletrônicos. Da mesma forma, acreditava que existiam escutas e câmeras ocultas na residência. Além disso, a Luciana, convencida de que alguém escutava nossas conversas, parou de falar comigo e passou a escrever em papel para que eu lesse; às vezes, se negava a ler e rasgava, pois essa paranoia havia atingido o limite da loucura.

Diante disso, nossas discussões eram inevitáveis, mas no dia seguinte, ela pedia desculpas e prometia que não se comportaria daquela forma outra vez; nós nos reconciliávamos, contudo, isso não indicava que eu a perdoava, pois estava ciente de que ela repetiria aquele comportamento, e com o passar do tempo, não conseguia mais demonstrar meus sentimentos por ela, e não era pela falta de amor, mas sim por um desprezo pelas atitudes dela em relação a mim.

Embora vivêssemos uma vida conturbada, esforçávamo-nos para ir à igreja; contudo, a Luciana vivia desconfiada de que seus membros a perseguiam. Ainda que não apresentasse evidências para comprovar que sofria algum assédio moral, ela fez com que mudássemos 8 vezes de grupos de célula. Consequentemente, após algum tempo, decidiu deixar de frequentar o grupo de

célula, depois de ir à igreja, pois já estava acometida pela depressão. Apesar disso, ainda continuei frequentando, pois fazia a escola dominical e desejava muito concluir. Entretanto, incomodada com a minha decisão, passou a fazer chantagem emocional para impedir-me de ir também; contudo, não cedi e concluí a escola dominical, mas, depois, fui vencido e deixei de congregar. Após algum tempo, ela me convidou para conhecer outras igrejas de diferentes denominações, então fomos; contudo, os pensamentos de estar sendo perseguida reapareceram, provocando uma nova crise de depressão, e a partir desse momento não frequentamos mais nenhuma igreja.

Além disso, Luciana, ao entrar em um estado depressivo, começou a se isolar no quarto, dizia que queria se matar e andava com uma faca pela casa. Em certa noite, no mês de novembro de 2016, desejando morrer, ela foi até a cozinha, pegou a faca que estava na pia e colocou-a no pulso; sem mais demora, agi rápido, segurei firme no antebraço e no punho dela e entramos em uma luta corporal, conseguindo tirar a faca de sua mão. Logo depois de acalmá-la, escondi todas as facas. No dia seguinte, ela entrou na cozinha, revirou o armário em busca de uma faca e, logo depois, começou a rir ao perceber que as havia escondido. Portanto, o maluco era eu, e não ela.

O divórcio

Depois de alguns meses se dedicando ao preparatório para concurso público, percebi que a Luciana passou a se tornar mais vaidosa e a voltar para casa bem mais tarde, às vezes até aos domingos ela frequentava as aulas. Numa manhã de domingo, ela disse que iria visitar o pai, mas, desconfiado, fui até lá e não vi o carro dela. Com o tempo, começou a me ignorar e deixou de dormir no nosso quarto.

Em uma noite de janeiro de 2017, a Luciana retornou do curso preparatório em meio a uma crise emocional, dirigiu-se ao quarto onde dormia e começou a chorar intensamente. Ao ir lá, ela me disse que alguém estava interessado nela e que esse sentimento era recíproco (*o que será que ela fazia mais? é possível que estivesse tendo relações sexuais, pois sempre voltava para casa tão tarde*). Diante da frustração e revolta com essa situação, resolvi deixar de falar com ela e planejei a minha saída de casa.

Ainda em janeiro, tomei a decisão de deixá-la e, ao avisá-la sobre isso, ela entrou em um estado de desespero. Neste

instante, a Luciana realizou uma chamada e, algumas horas depois, chegaram em casa o pai e a tia dela Assim, comecei a detalhar os motivos da minha decisão de sair de casa, sendo que não suportava mais os problemas psicológicos, as ameaças de suicídio dela, as agressões que enfrentava (*tanto físicas quanto emocionais*), risco de morte que vivia e a traição dela.

A partir daí, começaram a pressioná-la e a interrogá-la. A Luciana, em lágrimas, admitiu o adultério e outras questões. Assim, começaram a orientá-la sobre como agir em casa: deixar de lado as paranoias, uma vez que ninguém a estava perseguindo e, além do mais, a me respeitar. Após isso, dirigiram a mim e disseram: se ela desejar tirar a própria vida, não a impeça e, se ela persistir com os problemas mentais, você pode deixar a casa, se quiser. Naquela noite, na presença do pai e da tia, nos reconciliamos e ela se comprometeu a mudar seu comportamento.

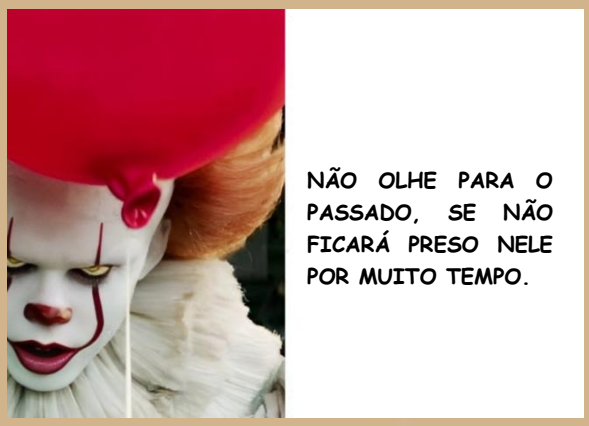
Depois de alguns dias daquele episódio com o pai e a tia dela em casa, para minha infelicidade, a Luciana teve outra crise e manifestou vontade de se suicidar. Diante dessa situação tensa, fiquei pensando que a qualquer instante ela poderia se suicidar, e todos iam acreditar que eu a havia matado, ou ter um surto psicótico, atacando a mim e ao nosso filho, já que circulava pela casa com uma faca na mão. Assim, lembrei-me do que o pai e a tia

dela disseram naquela ocasião, sobre o que fazer caso ela não mudasse seu comportamento, então decidi sair de casa e levar meu filho junto.

Após deixá-la, por não aguentar mais aquelas situações, procurei a Defensoria Pública para pedir o divórcio, e em maio de 2017 já estávamos divorciados.

Afirmo que tentar salvar meu casamento apenas por causa da nossa filha, por ela ter a "Síndrome do X Frágil", foi um grande erro e muito humilhante; devido às violências físicas e psicológicas, à frequência com que fui colocado para fora de casa, entre outras situações pelas quais passei. Antes, eu deveria ter saído de casa com minha filha, deixando a Luciana como era antes de me conhecer, para que de forma alguma tivesse recebido qualquer tipo de ajuda minha. Diante disso, afirmo que tenho a sensação de ter sido manipulado pela sua mente doentia para me submeter a ela, pois assim se comportava em nosso casamento: uma ausente que exigia presença, uma indiferente que exigia cuidado, uma violenta que exigia mansidão, uma mau-caráter que exigia virtude, uma imoral que exigia respeito, uma adultera que exigia fidelidade e uma mentirosa que exigia honestidade.

Desafio de conviver após o divórcio



Assim, minha filha e eu nos mudamos para a casa da minha irmã, mas a Luciana foi proibida de entrar lá. Dessa forma, combinei com ela que, só poderia ver o meu filho na ausência dela. No entanto, em certas ocasiões, ao passar por problemas psicológicos, ela aparecia sem aviso; às vezes conseguia adentrar na casa com a colaboração de meus sobrinhos.

Normalmente as visitas da Luciana sempre se resumiam a falar dos seus problemas e usava como pretexto ver a filha. Muitas vezes, expressava a perda da paz, insegurança, tristeza e outros problemas relacionados ao bem-estar emocional. Ela também compartilhava a sensação de estar sendo traída pelo parceiro, depois dizia que havia câmeras escondidas pela casa que filmavam seus momentos íntimos com ele e que esses vídeos estavam sendo divulgados em sites de conteúdo pornográfico. Em seguida, mencionava as pessoas que acreditava estarem a perseguindo. Além disso, manifestava o desejo de morrer (*dizia que pensava em se jogar no rio, pois havia pesquisado que a morte por afogamento seria mais rápida*). Diante disso, já farto de ouvi-

la falar de seus problemas, eu cruzava os braços, evitava contato visual e ficava calado, com a intenção de dar sinais claros de desinteresse pelo assunto, para que ela se retirasse. Ainda que eu não quisesse me envolver nas questões da Luciana, suas visitas com o desejo de falar seus problemas continuaram até o ano de 2020.

No início de 2018, o rapaz com quem Luciana estava se envolvendo foi me procurar na residência da minha irmã e pediu que eu fosse até a casa dele, com a intenção de convencê-la a deixar aquele lugar, pois não conseguia mais suportá-la devido a frequentes crises delirantes, como a sensação de traição e o constante pensamento de estar sendo perseguida ou observada; e, por isso, causava uma repentina alteração em seu humor, o que frequentemente resultava em discussões entre eles. Ademais, insinuou que ela era ninfomaníaca por querer ter relações sexuais o tempo todo, depois a menosprezou, referindo-se a ela como velha, e logo afirmou que tinha preferência por mulheres mais jovens, além de fazer outros comentários absurdos sobre ela. Por fim, como não queria me envolver nesse assunto, eu não fui.

Após alguns meses, à frente, eu a salvei da morte pela segunda vez. Na parte da manhã, seguindo a rotina habitual, levei minha filha na escola e, para minha surpresa, a Luciana apareceu

por lá, manifestando um dos sintomas psicológicos que a atormentavam: a ansiedade. O motivo que a levou a ir lá foi para pedir que eu a acompanhasse até o Hospital Ana Nery, uma vez que uma psiquiatra que a conhecia poderia ajudá-la. Então seguimos viagem; entretanto, ao chegarmos naquele local, não conseguimos ser atendidos. Naquela ocasião, a Luciana precisava de medicação para controlar a ansiedade, então fomos ao Serviço de Pronto Atendimento (SPA). Enquanto buscava atendimento, fiquei à espera no carro e, após ser medicada, retornamos para a escola, pois já eram onze horas e nossa filha estava à espera. Em seguida, cada um foi para a sua casa. Visto que morávamos no mesmo bairro, fomos na mesma direção e, quando estávamos descendo uma rua muito íngreme, percebi algo de errado com o carro dela; ele estava sem controle. Então emparelhei meu carro ao dela e observei que ela havia desfalecido. Nessa ocasião, comecei a buzinar freneticamente até que ela despertou. Por conseguinte, parou o carro e, após recuperar os sentidos, acompanhei-a até a sua residência. Desse modo, entendo que minha atitude a salvou da morte, pois iria bater em um veículo de grande porte de transporte de contêiner parado no acostamento. Suponho que a medicação possa ter sido a causa da perda momentânea dos sentidos quando dirigia.

Embora sempre estivesse disposto a ajudá-la sempre que precisasse, houve momentos em que Luciana me deixou bem irritado, como em um certo mês de 2018, quando decidiu vender a casa onde morávamos, pois queria comprar um apartamento financiado. Em vista disso, ela se comprometeu a me conceder uma porcentagem após vendê-la, em função da minha contribuição significativa para a sua reforma. Entretanto, ela vendeu o imóvel e não manteve a promessa.

No começo de 2019, a Luciana me contou que começou a usar Risperidona, um medicamento antipsicótico empregado no tratamento da esquizofrenia. Isto se deve ao fato de que este remédio ajudava a diminuir os sintomas associados aos distúrbios que enfrentava, como ansiedade, depressão, delírios, bipolaridade e outros problemas mentais. Contudo, ela interrompia o tratamento, o que possibilitava novos surtos.

No que se refere a nossa filha, durante o ano de 2019, fiz diversas tentativas para que a Luciana ficasse com ela, pois enfrentava grandes dificuldades financeiras por estar sem emprego. Longe disso, ela, por ser uma servidora pública aprovada em concurso e ter atingido estabilidade financeira, tinha melhores condições de proporcionar uma vida melhor à filha. Ao entrar no mês de novembro, recebi uma porcentagem da venda de

um terreno que era da minha falecida mãe. Naquela oportunidade, fiz uma proposta para que ela ficasse com a filha: ofereci 10 mil reais e também mobiliaria o quarto dela, mas a Luciana não aceitou por ser ela uma criança com a "Síndrome do X Frágil". Esse sentimento de rejeição a seguirá por toda a vida, devido ao vazio que a mãe deixou nela.

Diante do que foi apresentado, sem hesitar, após recusar ficar com a filha, aluguei um apartamento de um quarto e deixamos a casa da minha irmã. Entretanto, ao informar a Luciana sobre a nova residência, ela não expressou pesar pela vida da filha em um espaço tão diminuto. Embora não fosse a residência ideal, a decisão buscava poupar recursos para evitar problemas financeiros.

A única obrigação da Luciana até então com nossa filha era a escola; no entanto, a irresponsável não realizava os pagamentos, o que me deixou em uma situação embaraçosa, pois, como nossa filha possui a "Síndrome do X Frágil", essa escola era a que proporcionava a melhor infraestrutura, suporte psicológico e uma docente de apoio exclusiva para ela. Em decorrência disso, a escola enviava mensagens para mim pelo WhatsApp para avisá-la a entrar em contato com o setor financeiro; além disso, a escola já teria procurado o cartório para protestar essa dívida das

mensalidades em aberto (*Atualmente, essa dívida já ultrapassou R$ 6 mil, devido aos juros*). Em um momento futuro, eu a tirei dessa escola e a matriculei em uma escola pública, onde a Secretaria de Educação do Estado – (SEE) providenciou uma professora de apoio para ela.

Tentar ajudá-la quase me afundou

Em dezembro de 2019, a Luciana me convenceu a fazer a inscrição dela para o mestrado na Universidade Federal de Juiz de Fora – (UFJF), pois não conseguia devido a problemas psicológicos. Eu realizei todos os procedimentos necessários para que ela pudesse ser aprovada na 1ª etapa. Em janeiro de 2020, ela foi selecionada para a 2ª etapa, que consistiria em uma Prova Objetiva. Mas não tenho certeza do que ocorreu; parece que não conseguiu realizar a prova ou talvez não tenha aparecido. Contudo, já não me importava mais, pois comecei a sentir bastante raiva dela, pelos motivos que serão apresentados a seguir.

De vez em quando, a Luciana, com problemas psicológicos,

aparecia de forma inesperada no meu apartamento; às vezes queria que eu ouvisse seus problemas, e em outras era para formatar e reinstalar o sistema operacional do computador ou voltar o celular às configurações de fábrica; pois achava que estava sendo vigiada. Durante suas visitas incomuns, era muito raro demonstrar qualquer tipo de afeto pela filha.

Embora tivesse empatia por ela em razão de sua condição mental, eu já estava cansado de escultar seus problemas. Como em uma ocasião em que, através do telefone, ela, aos gritos, soltou diversos xingamentos, em razão de alguém ter cortado os fios da internet do seu apartamento; e suspeitando que poderia ser um dos seus perseguidores, sentiu-se em perigo, pegou uma faca e se trancou no quarto. Quando não estava disposta a atender suas chamadas, ela enviava mensagens pelo WhatsApp dizendo que não suportava mais as perseguições que sofria e que queria morrer.

Nos primeiros meses de 2020, a Luciana me procurou para emprestar dinheiro para fazer um concurso público em Vitória – (ES). De início, pareceu ser uma excelente ideia para me livrar dela, então emprestei o valor de R$ 1 mil. Mas, excedendo o tempo para receber o valor emprestado de volta, ela desapareceu

Depois de alguns meses, reapareceu, pois queria

emprestado o meu carro para ir trabalhar, prometendo devolver o valor que lhe emprestei. Contudo, ao ceder o carro, acabei gerando outro problema, pois ela o devolveu apresentando problemas mecânicos e fui obrigado a desembolsar R$ 1,5 mil no reparo do motor. Desde então, a mantive distante de mim (*não, ela não devolveu o dinheiro e nem pagou pelo reparo do motor*).

A razão pela qual a Luciana pegou o meu carro emprestado, conforme já mencionado, é que ela vendeu o dela para pagar R$ 7 mil referentes aos honorários de um advogado que tinha contratado para mover uma ação judicial contra algumas pessoas que acreditava que a perseguiam.

Além de todos os acontecimentos que me causaram angústia durante 2020, eu ainda precisava escutá-la expressar seu desprezo pela filha, ao tentar justificar os motivos de não querer que ela morasse em sua casa, que é "por ter estereótipos de uma criança com "Síndrome do X Frágil",e também demonstrou arrependimento pela decisão de "tê-la", ou seja, por ela ter nascido.

Diante disso, por ela se preocupar excessivamente consigo mesma, desconsiderando as necessidades e os sentimentos da filha, ingressei com uma ação na justiça requerendo pensão alimentícia. O juiz examinou a situação e decidiu que deveria ser

efetuado um desconto de 30% na folha de pagamento.

Devido a isso, ainda em 2020, a Luciana passou a não vê-la mais. Ao iniciar o ano de 2021, queria tê-la ao seu lado para levá-la a um aniversário na casa do pai, mas rapidamente desapareceu, reaparecendo 4 meses depois, no dia do aniversário da filha, e logo após sumiu novamente. Embora resida na mesma cidade e em um bairro nas proximidades, continua sem vê-la até a data da publicação deste relato.

Saibam que a convivência com alguém que possui transtorno psicológico é uma luta contra a doença, e não contra o(a) parceiro(a). Contudo, caso essa pessoa não aceite um tratamento médico, talvez o divórcio seja a única solução, pois essa doença ainda poderá torná-la uma vítima de violência, seja psicológica ou física. Por isso, sinto a necessidade de resgatar o meu passado quando era casado, para servir de advertência a casais que pretendem se casar ou morar juntos, ou a aqueles que já enfrentam esse infortúnio na vida conjugal.